



LIÇÃO

08

22 de Fevereiro de 2026

1º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

O Deus Espírito Santo



FERRAMENTA EBD

Esboço Da Lição 08

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 22 de fevereiro 2026

O DEUS ESPÍRITO SANTO

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo é frequentemente mal compreendido, sendo tratado como uma força impessoal ou apenas uma influência espiritual. Contudo, as Escrituras o revelam como a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, plenamente divino e coigual ao Pai e ao Filho. Ele é uma Pessoa com mente, vontade e emoções, que age soberanamente na vida da Igreja. Como Consolador prometido por Jesus, Ele habita em nós, ensina a verdade, transforma nosso caráter e nos capacita para a fazer a vontade de Deus. Nesta lição, examinaremos a personalidade do Espírito Santo, sua plena divindade confirmada pelos seus atributos eternos, e suas obras essenciais: desde a encarnação e ressurreição de Cristo até a santificação contínua dos crentes, evidenciando sua atuação indispensável em nossas vidas. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre. (Jo 14.16, NVI).

Eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Auxiliador, o Espírito da verdade, para ficar com vocês para sempre. (Jo 14.16, NTLH).

Quero dar o devido destaque a escolha feita pelo evangelista João do termo *outro* (Gr. *Allos*). Há duas palavras gregas para a expressão *outro*. A primeira é *heteros*, que significa “outro diferente”; e a segunda, *allos*, que significa “outro igual, da mesma substância”. Em resposta à oração de Jesus, o Pai enviará o *allos parákletos*, outro Consolador. Portanto, o Espírito Santo é Deus, com os mesmos atributos do Pai e do Filho. Assim sendo, se Jesus é uma pessoa, o Espírito Santo também é uma pessoa. Se Jesus é Deus, o Espírito Santo também é Deus.

Vejamos a diferença no texto original:

E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará **outro** Consolador, a fim de que esteja com vocês para sempre." καὶ ἔγὼ ἐρωτήσω τὸν πατέρα καὶ ἄλλον παράκλητον δόσει ὑμῖν, ἵνα δὲ μεθ' ὑμῶν εἰς τὸν αἰῶνα. Kai egō erōtēsō ton patera kai allon paraklēton dōsei hymin, hina ē meth' hymōn eis ton aiōna.

Estou muito surpreso em ver que vocês estão passando tão depressa daquele que os chamou na graça de Cristo para **outro** evangelho. Θαυμάζω ὅτι μετατίθεσθε οὕτως ταχέως ἀπὸ τοῦ καλέσαντος ὑμᾶς ἐν χάριτι Χριστοῦ εἰς ἔτερον εὐαγγέλιον. Thaumazō hoti metatithesthe houtōs tacheōs apo tou kalesantos hymas en chariti Christou eis heteron euangelion.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

VERDADE PRÁTICA

O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade, plenamente divino, atuando como Consolador, Ensinador e Santificador da Igreja.

A numeração (“primeira/segunda/terceira”) tem como base principal uma ordem relacional (muitas vezes chamada *taxis*), e não uma ordem de valor, poder ou tempo. Em termos teológicos, essa ordem é descrita pelas relações de origem:

1. Pai (primeira pessoa): não é “feito” nem “gerado”; é a fonte relacional do Filho e do Espírito.
2. Filho (segunda pessoa): é gerado pelo Pai (linguagem tradicional para afirmar sua filiação eterna, sem começo temporal).
3. Espírito Santo (terceira pessoa): procede do Pai e do Filho (processão), linguagem que indica sua distinção relacional, sem inferioridade.

Essa ordenação também aparece de modo recorrente em fórmulas bíblicas e litúrgicas: por exemplo, o mandamento batismal em Mateus 28.19 (“Pai, Filho e Espírito Santo”) e a bênção apostólica em 2 Coríntios 13.13, além de outras fórmulas triádicas como Efésios 1.3-14 e 1 Pedro 1.2. A tradição vê nessas passagens não uma “lista casual”, mas um padrão de confissão e culto que favoreceu a nomenclatura.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

1.1 A O Espírito Santo é uma Pessoa.

A LIÇÃO DIZ: *O Espírito não é uma força impessoal, uma energia ou uma influência, mas o próprio Deus. Ele é a Terceira Pessoa da Trindade. Ele age com autonomia, exercendo funções próprias de uma Pessoa. Negar sua Pessoa é mutilar a Trindade.*

O estudo do Espírito Santo possui importância especial para nós, cristãos, por diversas razões fundamentais que examinaremos a seguir, conforme destaca o Erickson (2015, p. 810-811):

- 1.1.1 A Pessoalidade da Trindade. A primeira razão é que o Espírito Santo torna a Trindade pessoal para o crente. Geralmente compreendemos o Pai como transcendente e distante no céu. De forma semelhante,

o Filho pode parecer afastado historicamente e, portanto, relativamente incognoscível. O Espírito Santo, porém, é diferente. Ele está ativo na vida dos crentes e habita em nós. É por meio dele que o Deus trino e uno age em nós atualmente, tornando-se pessoalmente acessível.

- 1.1.2 A obra proeminente do Espírito Santo na história. A segunda razão está no período em que vivemos. Cada membro da Trindade teve seu tempo de atuação mais evidente: **Período do Antigo Testamento:** A obra do Pai foi mais proeminente; **Período dos Evangelhos:** A obra do Filho foi central, até sua ascensão; **Período atual:** O Espírito Santo ocupa o centro do palco desde o Pentecostes. Este é o período da história da Igreja tratado pelo livro de Atos, pelas Cartas Apostólicas e pelos tempos seguintes. Vivemos, portanto, na era do Espírito Santo.
- 1.1.3 Dimensão experiencial. A terceira razão relaciona-se à cultura atual, que enfatiza a experiência pessoal. É principalmente por meio da obra do Espírito Santo que sentimos a presença de Deus em nós, fazendo com que a vida cristã receba uma realidade especial e tangível.

O termo "espírito", *ruach* em hebraico e *pneuma* em grego, possui um sentido comum que evoca a ideia de um ser desencarnado, desprovido de corpo físico. Esta compreensão é compartilhada tanto pelos salvos quanto por aqueles que não conhecem a Deus.

O teólogo Rodman Williams oferece uma definição esclarecedora: "A palavra 'espírito' carrega a nota de intangibilidade e incorporeidade; portanto, imaterialidade. É diferente do corpo e, assim, não possui existência substancial em sua forma mais rarefeita ou vaga".

Todos compreendemos, inclusive os que não conhecem a Deus, que existe uma diferença fundamental entre a espiritualidade divina e a noção cultural de aparição ou assombração. Enquanto a cultura popular imagina aparições como entidades vagas e incompletas, a espiritualidade divina é plenamente substancial, completa e infinitamente poderosa. A Divindade não é um espírito incorpóreo por deficiência, mas porque sua natureza é essencialmente espiritual e transcendental. Deus não representa uma forma enfraquecida ou limitada de existência, mas a realidade mais plena e absoluta que existe. A espiritualidade divina é a fonte e o fundamento de toda existência, não uma manifestação secundária.

O Espírito Santo é, simultaneamente, um espírito, é santo e é uma pessoa. Estes três atributos definem sua natureza: **Espírito:** Sua falta de corpo material não implica fraqueza ou insubstancialidade. A dimensão espiritual gerou a material, e não o inverso. Por isso, a matéria encontra-se subordinada ao imaterial proveniente de Deus. **Santo:** Sua santidade é parte essencial de sua identidade e natureza divina. **Pessoa:** Ele não é meramente uma força ou energia abstrata, mas um ser pessoal com vontade, intelecto e capacidade de ação.

O Novo Testamento atribui ao Espírito Santo ações e propriedades pessoais: Ele ensina e faz lembrar (Jo 14.26), testemunha (Jo 15.26), guia (Rm 8.14), intercede (Rm 8.26-27) e distribui dons conforme a sua vontade (1Co 12.11). Esses verbos descrevem atuação intencional e relacional, própria de um agente pessoal, e não de uma força impessoal.

Além disso, o Espírito pode ser entristecido (Ef 4.30), linguagem que pressupõe relação, sensibilidade moral e resposta à conduta humana. Assim, o próprio texto bíblico sustenta que o Espírito não é mera energia ou influência, mas alguém que age, conduz e se relaciona com o povo de Deus.

1.2 Pessoa distinta na Trindade.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: *A doutrina da Trindade afirma que Deus é um só em essência, mas subsiste em três Pessoas distintas (1Pe 1.2). Embora o Espírito Santo compartilhe da mesma natureza divina do Pai e do Filho, sendo plenamente Deus, Ele é uma Pessoa distinta dentro da unidade da Trindade (Tt 3.5). Essa distinção do Espírito Santo é essencial para refutar heresias, como o modalismo que ensina que Pai, Filho e Espírito são apenas “modos” sucessivos de uma única Pessoa divina. E o arianismo, que negava a divindade do Filho e do Espírito; e os pneumatómacos que negavam a deidade.*

Uma compreensão correta de quem é o Espírito Santo traz algumas implicações.

- 1.2.1 O Espírito Santo é uma pessoa, não uma força vaga. Assim, ele é alguém com quem podemos ter um relacionamento pessoal, alguém a quem podemos e devemos orar.
- 1.2.2 O Espírito Santo, sendo plenamente divino, merece o mesmo respeito e honra que damos ao Pai e ao Filho. É adequado adorá-lo, assim como adoramos o Pai e o Filho. Ele não deve ser considerado, de maneira alguma, inferior em essência a eles, embora sua função às vezes esteja subordinada à deles.
- 1.2.3 O Espírito Santo é um com o Pai e o Filho. Sua obra é a expressão e a execução do que os três planejaram juntos. Não há tensão entre as pessoas e as respectivas atividades.
- 1.2.4 Deus não está distante. No Espírito Santo, o Deus trino e uno se aproxima de nós, e faz isso a tal ponto que passa a habitar em cada crente. Ele, na verdade, está mais intimamente envolvido conosco agora do que na encarnação. Por meio da atuação do Espírito, ele realmente se tornou Emanuel, "Deus conosco".
- 1.2.5 Compreender quem o Espírito Santo realmente é, nos ajuda identificar e rejeitar as heresias.

O modalismo (sabelianismo/unicismo).

O modalismo, em suas diversas manifestações históricas, incluindo o sabelianismo e o unicismo contemporâneo, propõe que Pai, Filho e Espírito Santo não constituem pessoas distintas, mas meramente modos, fases ou manifestações sucessivas de uma única pessoa divina. Conforme a formulação clássica de Sabélio, Deus teria se revelado como Pai na criação e na promulgação da Lei, como Filho durante a encarnação e como Espírito no processo de regeneração. Embora essa perspectiva pretenda preservar o monoteísmo estrito, ela contradiz fundamentalmente a doutrina estabelecida pelas Escrituras.

A refutação bíblica do modalismo encontra seu fundamento mais sólido na distinção simultânea e relacional apresentada nos discursos de despedida de Jesus, particularmente em João 14 a 16. Quando Jesus declara que rogará ao Pai para que este envie "outro Consolador" (Jo 14.16), o texto estabelece três polos relacionais inequivocamente reais: aquele que pede (o Filho), aquele a quem se dirige o pedido (o Pai) e aquele que é enviado (o Espírito). Se essas designações representassem meramente máscaras intercambiáveis de uma única pessoa, toda a linguagem de rogativa e envio seria reduzida a um teatro sem referente ontológico, esvaziando de significado a própria revelação divina.

A expressão "outro Consolador" merece atenção exegética especial. O termo grego *allos* (outro) não sugere simplesmente "o mesmo em outro modo", mas indica alguém pessoalmente distinto do Filho que dará continuidade à obra do Filho junto ao povo de Deus. Este uso vocabular reforça que não se trata de "outro inferior" nem de "outra coisa impessoal", mas de outro agente pessoal que ocupará o lugar prometido na economia redentora.

As cenas trinitárias simultâneas registradas nos Evangelhos apresentam desafios insuperáveis ao modalismo. No batismo de Jesus (Mt 3.16-17), o texto descreve o Filho nas águas do Jordão, o Espírito descendo visivelmente como pomba e a voz do Pai proclamando do céu. Para que o modalismo preserve sua coerência diante deste relato, seria necessário afirmar que Deus estava realizando uma espécie de "ventriloquismo cósmico", interpretação que, além de forçada, contradiz a linguagem clara do texto que descreve agentes distintos em ação simultânea.

O arianismo e o Espírito Santo (negação de sua divindade).

Historicamente, as tendências arianizantes não se limitaram à subordinação do Filho, mas estenderam-se também à negação da plena divindade do Espírito Santo, rebaixando-o à categoria de criatura ou servo. Como observa Soares, já havia a concepção do Espírito como "mero atributo impessoal" em Paulo de Samosata, antecipando movimentos posteriores que negariam sua plena divindade nas controvérsias cristológicas e pneumatológicas subsequentes.

A refutação bíblica desta posição sustenta-se sobre quatro pilares exegéticos fundamentais. Primeiramente, os nomes e títulos atribuídos ao Espírito Santo nas Escrituras estabelecem sua identidade divina de maneira inequívoca. Em Atos 5.3-4, a equivalência entre mentir ao Espírito Santo e mentir a Deus constitui uma identificação direta e explícita. Similarmente, 2 Coríntios 3.17 declara que "o Senhor é o Espírito".

Em segundo lugar, o Espírito Santo possui e exerce atributos que pertencem exclusivamente à Divindade. Ele é apresentado como eterno (Hb 9.14), onisciente ao sondar "todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus" (1Co 2.10-11), onipresente (Sl 139.7-10) e doador de vida (Rm 8.11). Estes atributos não podem ser predicados de criatura alguma sem contradição lógica e teológica.

O terceiro pilar consiste nas obras divinas atribuídas ao Espírito Santo. As Escrituras o apresentam como agente ativo na criação e vivificação (Gn 1.2; Jó 33.4; Sl 104.30), bem como no novo nascimento e na santificação dos crentes (Jo 3.5-8; 1Pe 1.2). Embora criaturas possam servir como instrumentos nas mãos de Deus, o texto bíblico trata o Espírito não como instrumento, mas como fonte eficaz e autônoma da vida nova.

Os pneumatómacos ("combatentes do Espírito").

Os pneumatómacos, frequentemente associados aos macedonianos, representam uma posição intermediária peculiar nas controvérsias trinitárias. Embora aceitassem algo próximo da ortodoxia cristológica

quanto à divindade do Filho, negavam que o Espírito Santo fosse plenamente Deus, reduzindo-o frequentemente à categoria de ministro ou ser criado subordinado.

A refutação bíblica desta posição reúne essencialmente dois fundamentos argumentativos complementares. Primeiro, as Escrituras demonstram inequivocamente que o Espírito Santo é uma pessoa real, não uma força impessoal ou energia divina. Ele fala, ensina, guia, entristece-se, pode ser ofendido e intercede pelos santos (Jo 14 a 16; Ef 4.30; Rm 8.26-27). Estas ações pressupõem personalidade, vontade, intelecto e emoção, características inerentemente pessoais que não podem ser predicadas de meras forças ou influências.

Segundo, as mesmas passagens que refutam o arianismo pneumatológico aplicam-se igualmente aos pneumatómacos: Atos 5.3-4 identifica o Espírito como Deus; Mateus 28.19 o coloca na fórmula batismal trinitária; Hebreus 9.14 afirma sua eternidade; 1 Coríntios 2.10-11 demonstra sua onisciência; e Romanos 8.11 atesta seu poder vivificador. A conjunção destes dois eixos, personalidade e divindade, torna a posição pneumatómaca insustentável do ponto de vista exegético.

1.3 O Consolador prometido.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: Jesus prometeu aos discípulos um divino companheiro: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Jo 14.16). A palavra “Consolador” é tradução do grego *paráklētos*, que significa “aquele que encoraja e conforta”; e, “Ajudador”, que auxilia na necessidade; e, ainda “Advogado”, que intercede ou defende alguém perante uma autoridade. O vocábulo *paráklētos* aparece cinco vezes nos escritos de João, referindo-se tanto ao Espírito Santo como a Cristo (Jo 14.16,26; 15.26; 16.7; 1Jo 2.1). Nesse contexto, o Espírito Santo é chamado de “outro Consolador”, isto é, alguém da mesma natureza que Jesus.

Ao examinarmos a expressão “Outro Consolador” no Evangelho segundo João, capítulo 14, e também a frase “Credes em Deus, crede também em mim” (v.1), somos conduzidos a uma compreensão da doutrina da Trindade e da divindade das suas pessoas. Logo no início do capítulo, Jesus se apresenta como objeto de fé, assim como o Pai: “Credes em Deus, crede também em mim.” Esse texto é teologicamente significativo. Ao colocar-se lado a lado com o Pai como digno de fé, Jesus revela igualdade com Deus. Trata-se de uma das declarações mais claras sobre sua divindade. Prosseguindo no texto, encontramos a promessa de “Outro Consolador” (v.16).

A palavra grega usada por Jesus é *Paraklētos*, que significa “alguém chamado para estar ao lado”. Nos tempos antigos, esse termo era usado para descrever uma pessoa que ajudava alguém em dificuldade como um defensor no tribunal, um conselheiro em tempos difíceis ou um amigo que encorajava.

No Evangelho de João, o Consolador é o Espírito Santo que: ensina (Jo 14.26), lembra os ensinamentos de Jesus (Jo 14.26), testemunha sobre Cristo (Jo 15.26), convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), guia os discípulos em toda a verdade (Jo 16.13).

Portanto, o Consolador não é apenas alguém que consola com palavras doces, mas aquele que fortalece, orienta e conduz os crentes na presença de Deus.

Seja assinante



Desbloqueie a revisão
de aprendizado

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD

2. A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

2.1 O debate “*Filioque*”.

A LIÇÃO DIZ: A expressão latina *filioque* significa “e do Filho”, foi inserida no Credo Niceno-Constantinopolitano para reafirmar o ensino bíblico que o Espírito procede do Pai e do Filho: “o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome” (Jo 15.26 - NAA); “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9); “Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho” (Gl 4.6). Esse debate ocorreu no século IV em virtude das heresias do arianismo e dos pneumáticos. Em 381, após confirmar que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem a mesma essência divina, a igreja aprovou o Credo que ratificava as Escrituras e professava a fé: “no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”.

A doutrina da Trindade, como bem sabemos, é uma doutrina basilar da fé cristã, sendo professada nos principais credos da cristandade histórica. Contudo, ao longo dos séculos, divergências teológicas surgiram em torno de aspectos dessa doutrina, entre os quais se destaca a controvérsia em torno da cláusula *Filioque*, expressão latina que significa “e do Filho”. Tal cláusula, adicionada ao Credo Niceno-Constantinopolitano pelo Ocidente, desencadeou profundas tensões entre as tradições latina e grega, culminando na separação entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente.

O Credo originalmente formulado nos concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381) afirmava que o Espírito Santo “procede do Pai”. Essa formulação visava salvaguardar a origem pessoal do Espírito no Pai, distinguindo-O claramente do Filho, mas sem comprometer a consubstancialidade entre as três Pessoas da Trindade. No entanto, a partir do século VI, em contextos marcados pela luta contra o arianismo no Ocidente, especialmente na Península Ibérica, acrescentou-se a cláusula *Filioque* à profissão de fé, declarando que o Espírito “procede do Pai e do Filho”.

Embora algumas versões do credo que circulam hoje (especialmente em contextos católicos romanos e protestantes ocidentais) incluem *Filioque*, isso não significa que essa cláusula estivesse presente no texto original de 381.

Essa alteração, inicialmente de uso local, espalhou-se progressivamente entre as comunidades cristãs latinas e, eventualmente, foi incorporada à liturgia romana. A adoção oficial da cláusula pelo Ocidente, sem consulta ou consentimento da Igreja do Oriente, tornou-se uma fonte crescente de atrito eclesial, tanto por seu conteúdo teológico quanto pela sua implicação eclesiológica.

Do ponto de vista teológico, a cláusula *Filioque* trata da processão eterna do Espírito Santo, ou seja, de sua origem e relação eterna com o Pai e o Filho. **A Igreja do Ocidente entendeu que o Espírito Santo procede do Pai, como fonte primeira, mas também do Filho, não como de uma segunda origem, mas como participante da única essência divina.** Essa formulação visa expressar a íntima comunhão entre o Pai e o Filho e salvaguardar a unidade da divindade, evitando qualquer subordinação entre as Pessoas.

Por sua vez, a tradição oriental afirmou com vigor que o Espírito procede exclusivamente do Pai, a fim de preservar o que chama de “monarquia do Pai”, isto é, a ideia de que o Pai é a única fonte e origem dentro da Trindade. Para os teólogos do Oriente, a inclusão do *Filioque* comprometeria a distinção real entre as Pessoas divinas e introduziria confusão teológica quanto às suas relações internas.

A tensão em torno da cláusula *Filioque* foi um dos fatores determinantes que levaram ao Grande Cisma de 1054, quando representantes das Igrejas de Roma e Constantinopla trocaram mútuas excomunhões. Embora o cisma tenha envolvido outros elementos como a autoridade papal, diferenças litúrgicas e questões políticas, o *Filioque* representou o marco teológico mais visível da separação.

A partir desse momento, as duas tradições desenvolveram teologias trinitárias com ênfases distintas. O Ocidente continuou a afirmar a cláusula como expressão legítima da fé cristã, enquanto o Oriente manteve a fórmula original, considerando o acréscimo um erro teológico e uma transgressão eclesiástica.

A cláusula *Filioque* exemplifica como distinções aparentemente técnicas na formulação da doutrina trinitária podem ter implicações profundas para a unidade da Igreja. Embora tanto o Oriente quanto o Ocidente confessem a mesma fé em um só Deus em três Pessoas, divergências na explicação das relações internas da Trindade levaram a interpretações distintas e, em última instância, a uma ruptura duradoura na comunhão eclesiástica.

2.2. Os atributos divinos do Espírito.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: *Todos os atributos divinos do Pai e do Filho podem ser igualmente relacionados com o Espírito Santo, tais como: Onipotência, Onisciência, Onipresença e Eternidade. A Terceira Pessoa da Trindade possui a mesma essência do Pai e do Filho.*

Na teologia cristã, os atributos de Deus são qualidades essenciais que pertencem à Sua natureza divina. Podemos distingui-los em atributos comunicáveis e atributos incomunicáveis.

Um atributo comunicável é aquele cuja realidade, embora infinita em Deus, pode ser refletida de modo limitado e analógico na criatura racional. São qualidades como amor, justiça, sabedoria e misericórdia; presentes em Deus em perfeição absoluta, mas participadas pela criatura de modo derivado e proporcional à sua natureza.

Um atributo incomunicável, por outro lado, é aquele que pertence exclusivamente a Deus, sendo intransferível e inimitável por qualquer criatura. São qualidades que manifestam a absoluta distinção entre o Criador e tudo o que é criado, como eternidade, imutabilidade, onipresença e independência. Esses atributos ressaltam a transcendência de Deus e a singularidade do Seu ser.

- 2.2.1 **Eternidade.** O Espírito Santo é eterno, ou seja, não teve começo, nem terá fim. Ele é anterior a todo tempo e transcende as limitações temporais. A eternidade do Espírito é testemunhada nas Escrituras ao ser associado diretamente com Deus Criador já no princípio: “O Espírito de Deus pairava sobre a face das águas” (Gn 1.2). Ele já existia antes da criação e participou do ato criador. A eternidade do Espírito confirma sua plena divindade e o distingue radicalmente de qualquer criatura, inclusive dos anjos e do espírito humana.
- 2.2.2 **Imutabilidade.** Como Deus, o Espírito Santo é imutável, ou seja, Ele não muda em Seu ser, caráter ou propósito. Enquanto as criaturas sofrem variações, desenvolvimento ou decadência, o Espírito permanece constante e fiel. Sua imutabilidade garante a confiabilidade da revelação e a estabilidade do plano redentor. Ao operar na história, o Espírito adapta Seus meios aos contextos humanos, mas Sua essência e vontade não sofrem alteração. Essa estabilidade eterna é fonte de consolo e segurança para o crente.
- 2.2.3 **Onipresença.** A onipresença do Espírito Santo implica que Ele está plenamente presente em todos os lugares ao mesmo tempo. A célebre declaração do salmista: “Para onde me irei do teu Espírito?” (Sl 139.7), expressa a natureza ilimitada de Sua presença. Diferente das criaturas, limitadas ao espaço, o Espírito não está confinado a um lugar, templo ou geografia. Sua onipresença possibilita Sua atuação simultânea em todos os corações dos fiéis, bem como em todas as regiões do mundo, conduzindo a Igreja e sustentando a criação.
- 2.2.4 **Onisciência.** O Espírito Santo possui plena e perfeita ciência de todas as coisas, passadas, presentes e futuras. Ele sonda “até as profundezas de Deus” (1 Co 2.10), o que somente alguém plenamente divino poderia fazer. Sua onisciência permite que Ele ilumine a mente humana com sabedoria, discernimento e verdade, guiando os crentes em todo conhecimento espiritual. Por isso, é reconhecido como o “Espírito da verdade”, que conduz a Igreja ao entendimento fiel da revelação divina.
- 2.2.5 **Onipotência.** O Espírito Santo é todo-poderoso, exercendo poder criador, restaurador e vivificador. Sua presença no ato da criação do mundo, bem como na regeneração do pecador, evidencia Seu poder soberano. O Espírito age soberanamente na concessão de dons, na santificação dos crentes e na

condução da missão da Igreja. A onipotência do Espírito não é caótica, mas ordenada, expressando sempre a vontade perfeita do Deus trino.

2.3 Os símbolos do Espírito.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: *Os principais símbolos representativos do Espírito Santo são: Fogo, utilizado para retratar o batismo no Espírito (At 2.3), simboliza pureza, a presença e o poder de Deus. Água, o Espírito flui da Palavra como águas vivas que refrigeram o crente e o revestem de poder (Jo 7.37-39). Vento, se refere à natureza invisível do Espírito (Jo 3.8). No Pentecostes é representado pelo som como de um vento (At 2.2). Óleo, usado para a luz e a unção, simboliza a consagração do crente para o serviço, e a iluminação para o entendimento das Escrituras (2Co 1.21,22; 1Jo 2.20,27). Pomba, o Espírito desceu sobre Jesus em forma de pomba (Mt 3.16), é símbolo da paz e da mansidão. Cada símbolo atua como figuras para a compreensão do caráter e da atuação do Espírito.*

A revelação bíblica, ao descrever a Pessoa e a obra do Espírito Santo, frequentemente recorre a imagens simbólicas que comunicam aspectos essenciais de Sua presença, atuação e natureza. Esses símbolos são expressões divinamente inspiradas que visam tornar perceptíveis aos sentidos humanos certas realidades espirituais.

- 2.3.1 A pomba é símbolo de pureza, paz e presença graciosa do Espírito. Esta imagem está associada à manifestação visível do Espírito na ocasião do batismo de Jesus: “E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba” (Lc 3.22).
- 2.3.2 O fogo simboliza a presença purificadora e poderosa do Espírito Santo. Ele representa tanto o juízo como a santificação, e é associado diretamente ao Pentecostes: “E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles” (At 2.3).
- 2.3.3 O vento, ou sopro, é símbolo da ação invisível, soberana e vivificadora do Espírito. Assim como o vento sopra onde quer, o Espírito atua com liberdade e poder divinos: “O vento sopra onde quer, ouves o seu som, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).
- 2.3.4 A água é símbolo da vida, renovação e satisfação espiritual produzidas pelo Espírito. É associada à regeneração e ao dom da vida eterna: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.” Ora, isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem. (Jo 7.38-39).
- 2.3.5 O óleo representa a consagração, capacitação e alegria espiritual concedidas pelo Espírito. No Antigo Testamento, reis, profetas e sacerdotes eram ungidos com óleo como sinal da presença e capacitação

do Espírito de Deus: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos quebrantados...” (Is 61.1).

- 2.3.6 O selo é símbolo da propriedade, segurança e garantia escatológica que o Espírito concede aos crentes. Ele autentica a salvação e assegura a perseverança final: “Fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança...” (Ef 1.13-4).

Seja assinante



**Desbloqueie a revisão
de aprendizado**

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?**

**Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. AS OBRAS DO ESPÍRITO SANTO

Seja assinante



**Desbloqueie o mapa
pedagógico**

3.1 O Espírito Santo e a Encarnação.

A LIÇÃO DIZ: A encarnação do Filho de Deus revela o papel do Espírito como o agente divino na concepção de Jesus: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá [...] o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lc 1.35). O Espírito Santo, em união com o poder do Pai, atua de modo sobrenatural no ventre de Maria. Embora Jesus tenha sido concebido pelo Espírito (Mt 1.18), Ele é Filho do Pai, pois foi gerado na eternidade (Mq 5.2; Jo 1.1).

Vamos relembrar as palavras do credo Niceno: “Gerado do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai.”

Portanto, é importante ter em mente estas duas distinções a seguir:

- 3.1.1 Geração eterna. Trata-se da relação intra-trinitária pela qual o Filho é eternamente gerado pelo Pai. Esta geração não ocorre no tempo, não envolve criação nem mudança, e não tem início. É um ato eterno e necessário, pelo qual o Pai comunica ao Filho a mesma essência divina, de modo que o Filho é verdadeiro Deus, consubstancial ao Pai. O Filho é Filho não por ter sido criado ou feito, mas porque é gerado eternamente dentro da própria vida de Deus.

3.1.2 Concepção temporal. Refere-se ao momento histórico da encarnação, quando o Filho eterno assume a natureza humana. Essa concepção ocorre no tempo, no ventre da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo. É o evento pelo qual o Filho de Deus se torna também homem, sem deixar de ser Deus. Aqui, o Espírito Santo atua como o agente da encarnação, não gerando o Filho enquanto Filho, mas fazendo com que o Filho eternamente gerado se torne carne, ou seja, se una a uma natureza humana real.

Outro aspecto essencial do papel do Espírito na encarnação é a santificação da humanidade assumida por Cristo. Sendo concebido por obra do Espírito, o Verbo encarnado não herda a corrupção do pecado original, permanecendo plenamente humano, mas sem pecado (Hebreus 4:15). O Espírito atua para garantir que a humanidade de Cristo seja verdadeira e íntegra, mas também santa e apta para a obra redentora. Essa obra do Espírito evita qualquer noção de que o Filho tenha tomado uma carne caída ou moralmente corrompida. O ser gerado no ventre de Maria é denominado “ente santo” porque a ação do Espírito é criadora e purificadora, formando em Maria um segundo Adão, livre da mancha do pecado.

Além disso, A teologia cristã confessa que, na encarnação, duas naturezas, divina e humana, unem-se numa única Pessoa, a do Filho. O Espírito Santo atua como o mediador desta união, não unindo duas pessoas, mas unindo uma natureza humana real à Pessoa eterna do Filho. O Espírito, que é o Espírito do Pai e do Filho, age conforme a vontade do Pai, realizando o mistério pelo qual o Verbo se faz carne, de modo que Deus se torne verdadeiramente homem sem deixar de ser Deus.

3.2 O Espírito Santo e a Ressurreição.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: *A vida e o poder sobre a morte são atribuições exclusivas de Deus (Jo 5.21). Nesse sentido, a ressurreição de Cristo é uma obra da Trindade: o Pai ressuscitou o Filho (At 2.24), o Filho declarou possuir poder para dar a sua vida e retomá-la, Ele próprio é a ressurreição (Jo 10.18; 11.25); e o Espírito Santo é o agente vivificador: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rm 8.11). Paulo atribui ao Espírito Santo a ação direta na ressurreição, e afirma que esse mesmo Espírito habita nos crentes, garantindo-lhes a ressurreição final, uma ação que apenas Deus é capaz de executar (Ef 1.13,14). A atuação do Espírito nessa obra comprova sua plena divindade.*

Todas as obras divinas na história são realizadas pela Trindade inteira, ainda que com ênfases distintas segundo as propriedades pessoais. A ressurreição de Cristo, portanto, não é monopólio de uma única Pessoa divina:

3.2.1 O Pai é apresentado como aquele que ressuscita o Filho (At 2.24; Rm 6.4).

3.2.2 O Filho declara possuir autoridade para retomar Sua vida (Jo 10.17-18), indicando que a ressurreição é também auto-vivificação, conforme Sua natureza divina.

3.2.3 O Espírito Santo, como visto, é o agente que realiza no tempo o ato de vivificação, conforme o desígnio eterno do Pai e em favor do Filho encarnado.

Essa harmonia revela que a ressurreição é uma obra trinitária una, operada inseparavelmente pelas três Pessoas, mas com ações apropriadas a cada missão divina.

A atuação do Espírito Santo na ressurreição de Cristo trata-se, teologicamente, do início de uma nova ordem de existência humana, glorificada e incorruptível. O corpo ressuscitado de Cristo é o primogênito dentre os mortos, e, por meio do Espírito, é constituído como cabeça de uma nova humanidade (Cl 1.8).

O mesmo Espírito que vivificou o corpo de Cristo habita nos crentes, como penhor da ressurreição futura. A ressurreição de Cristo, realizada pelo Espírito, é a garantia de que os que estão unidos a Ele também serão ressuscitados, não apenas espiritualmente, mas também corporalmente.

3.3 O Espírito Santo e a Santificação.

Seja assinante



Desbloqueie o mapa
pedagógico

A LIÇÃO DIZ: *O Espírito não apenas nos convence do pecado (Jo 16.8), mas também promove transformação (2Co 3.18). Deus nos escolheu para vivermos em santidade (Ef 1.4; 2Ts 2.13). A santificação possui duas dimensões: uma posicional, no momento da conversão (1Co 6.11), e outra progressiva, como processo contínuo de transformação (Hb 12.14). O Espírito Santo habita no crente desde a regeneração até a glorificação, conduzindo-o em santidade. Porém, requer a cooperação do crente.*

A santificação, no âmbito da economia da salvação, é uma obra divina pela qual os crentes são separados do pecado e consagrados a Deus, sendo conformados à imagem de Cristo. A teologia reconhece que essa obra possui dois aspectos distintos em sua manifestação temporal e um último aspecto final e eterno. Portanto, podemos destacar a santificação posicional, progressiva e final (ou glorificação). Em cada estágio, o Espírito Santo atua como o agente principal, aplicando a obra redentora do Filho conforme o propósito eterno do Pai.

A santificação posicional refere-se ao ato inicial de Deus pelo qual o crente é separado do mundo e do domínio do pecado, sendo consagrado a Deus em união com Cristo. Esta separação não é subjetiva ou gradual, mas objetiva e imediata, ocorrendo no momento da regeneração e justificação. O apóstolo se refere aos crentes de Corinto como já “santificados”, ainda que eles claramente necessitassem de crescimento moral e espiritual. Isso indica uma realidade posicional, na qual o crente passa a pertencer a Deus. Nesta etapa, o Espírito separa o crente para Deus, marca-o com o selo da aliança e inaugura a nova identidade em Cristo.

A santificação progressiva é o processo pelo qual o crente, já regenerado, é transformado internamente, crescendo em obediência, vencendo o pecado e sendo cada vez mais conformado à imagem de Cristo. Diferente da santificação posicional, este é um processo diário, cooperativo e dinâmico, que envolve tanto a ação do Espírito quanto a resposta do crente. Esse processo, embora gradual e sujeito a lutas, é sustentado pelo poder do Espírito, que molda o caráter do crente segundo o modelo de Cristo.

A santificação final, também chamada de glorificação, é o estágio conclusivo e perfeito da santificação, que ocorrerá na ressurreição dos mortos, quando os crentes serão plenamente libertos da presença do pecado e

conformados perfeitamente à imagem do Cristo glorificado. A glorificação é a consumação da obra iniciada pelo Espírito na regeneração. É o momento em que os crentes serão inteiramente livres do pecado, física e espiritualmente, e participarão da glória do Cristo ressurreto. Aqui, a santidade é plena, irrevogável e eterna.

Seja assinante



Desbloqueie a revisão
de aprendizado

CONCLUSÃO

O Espírito Santo é plenamente Deus. Essa verdade, sustentada pelas Escrituras e confessada pela Igreja ao longo dos séculos, define nossa fé e nossa vida cristã. Ele é uma Pessoa distinta na Trindade, com mente, vontade e emoções, que age soberanamente em nós. Seus atributos eternos confirmam sua divindade, e suas obras na encarnação, na ressurreição e na santificação revelam seu poder transformador. Ele habita em cada crente, conduzindo-o à semelhança de Cristo. Adoremos e honremos o Espírito Santo. Adoremos honremos o Deus trino.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- LETHAM, Robert. **A Trindade:** na Escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.
- HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.
- Santo Agostinho. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 1994.
- ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.
- RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João.** São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.
- GRUDEM, Wayne, **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva.** São Paulo: Vida Nova. 1999.